



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

Abril 2026

v. 6 n. 58

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC ISSN/2675-520





INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

Abril 2026

v. 6 n. 58

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC ISSN/2675-520



APRESENTAÇÃO

A International Integralize Scientific configura-se como um periódico científico mensal dedicado à difusão rigorosa e qualificada do conhecimento acadêmico. Com publicações predominantemente em língua portuguesa e contribuições consistentes em inglês e espanhol, a revista consolida-se como um espaço editorial multicultural, orientado ao diálogo científico internacional e ao fortalecimento da produção intelectual brasileira no cenário global.

Alinhada a elevados critérios de avaliação acadêmica, a revista privilegia a publicação de artigos inéditos de discentes e docentes provenientes de distintas áreas do saber, reconhecendo a ciência como campo plural e interdisciplinar. Cada manuscrito submetido passa por criteriosa análise técnico-científica em regime de avaliação por pares, assegurando integridade metodológica, consistência teórica e relevância social dos resultados apresentados. Dessa forma, a International Integralize Scientific reafirma seu compromisso institucional com a circulação responsável do conhecimento e com o fortalecimento da cultura de pesquisa.

Sua missão institucional consiste em promover a publicação e a disseminação de pesquisas inovadoras que contribuam efetivamente para o avanço científico e tecnológico, estimulando a reflexão crítica e o desenvolvimento de novas abordagens investigativas. A revista persegue a visão de consolidar-se como referência de credibilidade e excelência acadêmica no contexto internacional, valorizando a produção científica que se ancora em evidências sólidas, metodologias reconhecidas e padrões éticos elevados.

A governança editorial do periódico opera em plataforma Open Journal Systems (OJS), garantindo transparência processual, rastreabilidade, interoperabilidade com bases internacionais e aderência às melhores práticas em editoração científica. A revista possui registro ISSN nas versões impressa e digital e atribui Digital Object Identifier (DOI) a todas as publicações, mediante associação ativa à Crossref, assegurando autenticidade, persistência e ampla citabilidade internacional. Sua atuação editorial mantém alinhamento às boas práticas recomendadas por organizações científicas de referência e aos princípios éticos, técnicos e normativos que orientam a gestão de periódicos acadêmicos qualificados, incluindo diretrizes consolidadas no âmbito da normalização internacional.



Os valores que regem sua atuação editorial fundamentam-se no rigor científico, na ética acadêmica e na promoção de um ecossistema plural de saberes. A diversidade disciplinar, a integridade intelectual, a inovação, o impacto social da ciência e a construção de redes colaborativas entre pesquisadores de diferentes nacionalidades constituem pilares estruturantes do periódico. Ao incentivar a interlocução entre centros de pesquisa, universidades e comunidades científicas, a International Integralize Scientific contribui para o desenvolvimento de uma ciência aberta ao diálogo, orientada à melhoria contínua e sensível às demandas contemporâneas.

Sua periodicidade regular, o compromisso com padrões editoriais elevados e a interlocução permanente com autores e avaliadores qualificados reforçam a credibilidade da revista como veículo legítimo de disseminação científica. Trata-se, assim, de um espaço editorial que acolhe a investigação acadêmica com seriedade, estimulando trajetórias de produção intelectual consistente, ética e socialmente relevante.

Ao posicionar-se como ponte entre diferentes culturas, idiomas e tradições científicas, a International Integralize Scientific reafirma o papel estratégico dos periódicos acadêmicos no fortalecimento da ciência global e na promoção de um conhecimento capaz de transformar realidades, ampliar horizontes e projetar pesquisadores brasileiros e internacionais em um ambiente científico de excelência.



Expediente Editorial

A Revista International Integralize Scientific é um periódico científico mensal dedicado à promoção e disseminação de conhecimento acadêmico de alta qualidade, orientado por rigor metodológico e compromisso ético. Seu propósito central consiste em oferecer um espaço de visibilidade qualificada para pesquisas inéditas, contribuindo para o fortalecimento do debate científico e para o desenvolvimento contínuo das diversas áreas do saber. Ao assegurar processos criteriosos de avaliação e seleção editorial, o periódico reafirma sua vocação institucional de fomentar o pensamento crítico, incentivar o intercâmbio intelectual e apoiar a formação de novas gerações de pesquisadores.

Diretor Geral

Dr. Luan Trindade

Responsável pela direção estratégica do periódico, conduz a governança institucional da revista, assegurando o alinhamento entre política editorial, expansão científica e fortalecimento das relações acadêmicas nacionais e internacionais.

Diretora Administrativa

Profa. PhD Vanessa Sales

Docente e pesquisadora, com trajetória consolidada na área acadêmica, coordena os processos organizacionais e de gestão editorial, contribuindo diretamente para a qualidade científica, ética e institucional das publicações.

Editor de Design Gráfico e Diagramação

Balbino Júnior

Profissional responsável pela curadoria visual, normatização gráfica e composição editorial, assegurando harmonia estética, legibilidade acadêmica e conformidade técnica das edições.

Características do Periódico

Periodicidade:

Mensal

Idiomas de Publicação:

Português, Inglês e Espanhol

Plataforma Editorial:

Open Journal Systems (OJS)

Registro Internacional:

SSN 3085-654X

Identificação Digital:

DOI registrado e associado à Crossref

Contato Editorial

Para esclarecimentos, submissões, parcerias institucionais ou orientações relacionadas ao processo editorial, a equipe técnica encontra-se à disposição através do e-mail:

publicacao@iiscientific.com

Endereço Institucional

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil
Rodovia SC-401, Bairro Saco Grande
CEP 88032-005

A International Integralize Scientific mantém atuação editorial orientada pelas boas práticas científicas internacionais, alinhada aos princípios de integridade acadêmica, transparência editorial e responsabilidade social do conhecimento. Seu corpo diretivo e técnico atua de maneira integrada para assegurar excelência, continuidade e relevância científica em cada edição publicada.



Corpo Editorial e Conselho de Revisores por Pares

A revista adota um rigoroso processo de avaliação científica por pares (peer review), conduzido preferencialmente no modelo doubleblind, garantindo anonimato entre autores e revisores durante o processo avaliativo, imparcialidade na emissão dos pareceres e excelência acadêmica na seleção dos manuscritos publicados.

A divulgação institucional do corpo editorial e dos revisores por pares não estabelece qualquer vinculação entre avaliadores e artigos específicos, preservando integralmente a confidencialidade e a integridade ética do processo de revisão.

Editora-Chefe

Profa. PhD Vanessa Sales

Equipe Editorial

Prof. PhD Hélio Sales Rios
Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva
Prof. Dr. Francisco Rogério Gomes da Silva
Prof. PhD Manoel Coracy Dias Saboia
Prof. Dr. Daniel LaiberBonadiman

Declaração de Transparência Editorial

O periódico mantém registro formal de todas as etapas do processo de avaliação científica, assegurando confidencialidade, ética, independência acadêmica e conformidade com o modelo doubleblindpeer review, no qual autores e revisores permanecem mutuamente anônimos durante o processo avaliativo.

Conselho de Revisores por Pares (Peer Review Board)

O Conselho de Revisores por Pares é composto por pesquisadores com sólida formação acadêmica e reconhecida atuação científica. Os pareceres técnicos emitidos avaliam critérios de relevância científica, originalidade, consistência metodológica, contribuição teórica e adequação ética, fortalecendo o rigor e a credibilidade do periódico.

Pareceristas

Ciências da Educação

Dr. Carlos Mendonça
Dr. Marcelo Pertussatti
Dr. Ederson Renan Pacheco de Farias

Ciência da Saúde

Dr. Daniel Laiber
Dra. Luisa Bonadiman

Ciências Jurídicas

Dr. Avelino Thiago
Dr. James Melo de Sousa
Dr. Manoel Coracy

Educação Inclusiva

Dra. Fábila Roseana Souza Oliveira da Silva
Dra. Karla Roberta Melo de Vasconcellos

Tecnologia

Dr. Flávio Lopes
Dr. Geraldo Lúcio

Editor Gerente

Rayane Priscila Santos de Souza

Editores de Seção

Karolayne Luana de Oliveira Silva
Eloisa Bárbara Rodrigues Lima

Equipe de Produção Editorial

Reviane Francy Silva da Silveira
Priscila de Fátima Lima Schio
Lucas Teotônio Vieira

Editor Técnico

Balbino Júnior

Administrador do Sistema OJS

Vitor Santos

EVOLUÇÃO DA HESITAÇÃO VACINAL NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONTEMPORÂNEOS

EVOLUTION OF VACCINE HESITATION IN BRAZIL: HISTORICAL AND CONTEMPORARY ASPECTS

EVOLUCIÓN DE LA VACUNACIÓN EN BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS Y CONTEMPORÂNEOS

RESUMO

A hesitação vacinal configura-se como um dos principais desafios contemporâneos para a saúde pública, tanto no Brasil quanto em âmbito global. Definida pela Organização Mundial da Saúde como o atraso ou a recusa na aceitação de vacinas, mesmo quando disponíveis, trata-se de um fenômeno complexo e multifatorial. Diversos fatores influenciam sua ocorrência, incluindo a disseminação de desinformação, crenças individuais, aspectos sociodemográficos e a redução da confiança nas instituições de saúde. No contexto brasileiro, a queda das coberturas vacinais tem contribuído para o ressurgimento de doenças previamente controladas, como sarampo e poliomielite, representando um risco à saúde coletiva. Nesse cenário, o fortalecimento do Programa Nacional de Imunizações destaca-se como estratégia fundamental para a manutenção dos avanços obtidos ao longo das últimas décadas. Além disso, intervenções baseadas em comunicação em saúde, como a entrevista motivacional e o uso de tecnologias digitais, têm demonstrado potencial para ampliar a adesão da população às campanhas de vacinação. O presente estudo tem como objetivo analisar a evolução histórica da hesitação vacinal no Brasil, seus impactos e os desafios contemporâneos, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias eficazes de enfrentamento.

Palavras-chave: Hesitação vacinal; saúde pública; programa nacional de imunizações; fake news.

ABSTRACT

Vaccine hesitancy is one of the main contemporary challenges for public health, both in Brazil and globally. Defined by the World Health Organization as the delay or refusal to accept vaccines, even when available, it is a complex and multifactorial phenomenon. Several factors influence its occurrence, including the spread of misinformation, individual beliefs, sociodemographic aspects, and reduced trust in health institutions. In the Brazilian context, the decline in vaccination coverage has contributed to the resurgence of previously controlled diseases, such as measles and polio, representing a risk to public health. In this scenario, strengthening the National Immunization Program stands out as a fundamental strategy for maintaining the progress achieved over the last few decades. Furthermore, interventions based on health communication, such as motivational interviewing and the use of digital technologies, have shown potential to increase public adherence to vaccination campaigns. This study aims to analyze the historical evolution of vaccine hesitancy in Brazil, its impacts, and contemporary challenges, contributing to the development of effective coping strategies.

Keywords: Vaccine hesitancy; public health; national immunization program; fake news.

RESUMEN

La reticencia a la vacunación es uno de los principales desafíos actuales para la salud pública, tanto en Brasil como a nivel mundial. Definida por la Organización Mundial de la Salud como el retraso o la negativa a aceptar las vacunas, incluso cuando están disponibles, es un fenómeno complejo y multifactorial. Diversos factores influyen en su aparición, incluyendo la difusión de información errónea, creencias individuales, aspectos sociodemográficos y la disminución de la confianza en las instituciones de salud. En el contexto brasileño, la disminución de la cobertura de vacunación ha contribuido al resurgimiento de enfermedades previamente controladas, como el sarampión y la poliomielitis, lo que representa un riesgo para la salud pública. En este escenario, el fortalecimiento del Programa Nacional de Inmunización se destaca como una estrategia fundamental para mantener el progreso alcanzado en las últimas décadas. Además, las intervenciones basadas en la comunicación para la salud, como la entrevista motivacional y el uso de tecnologías digitales, han demostrado potencial para aumentar la adherencia de la población a las campañas de vacunación. Este estudio tiene como objetivo analizar la

evolución histórica de la reticencia a la vacunación en Brasil, sus impactos y los desafíos actuales, contribuyendo al desarrollo de estrategias de afrontamiento efectivas.

Palabras clave: Reticencia a la vacunación; salud pública; programa nacional de inmunización; noticias falsas.

1 INTRODUÇÃO

A hesitação vacinal se refere à relutância ou recusa em vacinar, apesar da disponibilidade dos serviços de vacinação. Ela se manifesta em diferentes graus, variando entre a aceitação com reservas e a total rejeição das vacinas. Esse fenômeno representa desafios significativos para a saúde pública, pois pode dificultar os esforços para alcançar a imunidade coletiva e proteger as populações de doenças evitáveis (Lamot *et al.*, 2024) (Andigema; Cyrielle, 2024) (Breakwell; Jaspal, 2023).

Em 2012, a Organização Mundial da Saúde (OMS) criou um grupo especial para examinar, definir e propor estratégias que orientassem questões relacionadas à recusa vacinal. Esse grupo identificou fatores que influenciam a decisão de aceitar vacinas e definiu "hesitação vacinal" como o atraso na aceitação ou a recusa da vacinação. Reconheceu, ainda, que a indecisão vacinal é um fenômeno complexo, específico de cada contexto, e que varia ao longo do tempo, entre diferentes locais e em relação a vacinas específicas. Entre os objetivos desse grupo estão o monitoramento da confiança nas vacinas e da recusa vacinal, além da formulação de intervenções de comunicação destinadas a combater falhas na confiança, prevenindo, assim, suas possíveis consequências para a saúde pública. (Succi, 2018; McDonald, 2015)

A hesitação vacinal é influenciada por diversos fatores, entre os quais se destacam a desinformação, a disseminação de informações falsas sobre a segurança e eficácia das vacinas, que impacta significativamente a percepção pública (Andigema; Cyrielle, 2024); problemas de confiança, como a falta de credibilidade nas autoridades de saúde e na comunidade médica, que podem gerar ceticismo em relação à vacinação (Andigema; Cyrielle, 2024; Breakwell; Jaspal, 2023); variações sociodemográficas, já que a relutância vacinal pode diferir conforme idade, sexo e etnia, com certos grupos demonstrando maior resistência (Breakwell; Jaspal, 2023; Gomez; Godoy, 2024); e crenças pessoais, como influências culturais e a preferência pela medicina alternativa, que também desempenham um papel relevante nesse contexto (Andigema; Cyrielle, 2024; Lamot *et al.*, 2024).

Compreender os fatores que contribuem para a hesitação vacinal é importante para o desenvolvimento de intervenções eficazes para aumentar as taxas de vacinação.

A hesitação vacinal é influenciada por uma combinação de fatores sociodemográficos, psicológicos e relacionados à confiança. As taxas de hesitação variam de acordo com idade, sexo e etnia, sendo mais elevadas entre mulheres e profissionais de saúde, especialmente enfermeiras (Gomez; Godoy, 2024; Machida; Inoue, 2023). Influências psicológicas, como a confiança na segurança das vacinas, a complacência em relação ao risco de doenças e a conveniência no acesso, também desempenham um papel significativo na disposição para vacinar (Machida; Inoue, 2023). Além disso, a disseminação de desinformação e a desconfiança nos sistemas de saúde agravam o problema, ressaltando a importância de estratégias que priorizem a comunicação transparente e o engajamento comunitário para enfrentá-lo (Guaraldi; Montalti; Gori, 2023).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Histórico das vacinas

A evolução das políticas de vacinação constitui uma trajetória notável ao longo do tempo, evidenciando o avanço científico na criação de vacinas eficazes e seguras contra doenças infecciosas. O calendário vacinal infantil foi introduzido no Brasil em 1950, em um contexto de alta prevalência de doenças como febre amarela (FA), tuberculose (TB) e varíola, que resultaram em um grande número de óbitos. Diante dessa situação, Oswaldo Cruz implantou o Programa de Saneamento na cidade do Rio de Janeiro (Ministério da Saúde, 2001).

Desde a descoberta da vacina contra a varíola por Edward Jenner no século XVIII até as campanhas de vacinação em massa contra a COVID-19, a vacinação tem se consolidado como uma ferramenta essencial na promoção da saúde pública. Jenner é amplamente reconhecido como o pioneiro na criação da vacina contra a varíola, utilizando o vírus atenuado da varíola bovina, o que foi fundamental para o controle da doença. Esse progresso culminou na erradicação da varíola pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1980 (Conti, 2021; Sánchez-Sampedro *et al.*, 2015).

O Programa Nacional de Imunização (PNI) foi instituído em 1973, inspirado no êxito da Campanha de Erradicação da Varíola e foi concebido para coordenar as atividades de imunização em nível nacional, ele unificou práticas que anteriormente estavam fragmentadas entre diferentes órgãos governamentais (Temporão, 2003). Sua criação representou um marco na política pública de prevenção no Brasil, com ênfase na centralização da vacinação como estratégia prioritária (Maia *et al.*, 2020).

O Programa Nacional de Imunização (PNI) desempenhou um papel essencial na redução das doenças preveníveis por vacinação, por meio da implementação de um esquema vacinal abrangente. Esse programa contribuiu para uma redução significativa de doenças como a poliomielite e o sarampo, alcançando marcos importantes, como a erradicação do vírus da poliomielite e a eliminação da rubéola. Além disso, o PNI oferecia 15 vacinas para crianças, 9 para adolescentes e 5 para adultos, resultando em uma redução expressiva das doenças evitáveis por imunização ao longo de quatro décadas. (Domingues *et al.*, 2020).

Na década de 1980 houve a introdução de múltiplas vacinas, incluindo as para hepatite B e rubéola, contribuindo para uma elevada cobertura vacinal (Minakawa; Frazão, 2023). Já na década de 2000 as conquistas do PNI incluem a certificação do Brasil como livre de poliovírus selvagem e a eliminação da rubéola (Domingues *et al.*, 2020).

O século XX testemunhou um avanço significativo na área da vacinação, com a criação de vacinas para diversas doenças infecciosas, o que também favoreceu o progresso de outras disciplinas médicas, como a imunopatologia e o tratamento de doenças infecciosas (Conti, 2021)

De maneira geral, os acontecimentos de 2010 representaram um ponto de inflexão para o PNI, pois a combinação da diminuição do financiamento federal e o aumento das pressões sobre os governos estaduais e municipais começaram a impactar a evolução da cobertura vacinal no Brasil, gerando preocupações sobre a sustentabilidade do programa nos anos subsequentes (Minakawa; Frazão, 2023).

A história da vacinação no Brasil é ampla e complexa, caracterizada por campanhas bem-sucedidas e desafios constantes. No entanto, entre 2006 e 2016, observou-se uma queda significativa na cobertura vacinal para BCG, poliomielite e MMR, com variações regionais expressivas, o que eleva o risco de reemergência de doenças que anteriormente estavam controladas.

Em 2015, o Brasil alcançou sua maior taxa de cobertura vacinal, atingindo 95,07%. No entanto, esse índice apresentou uma queda significativa no ano seguinte, reduzindo-se para 50,44% em 2016, o menor valor registrado na última década (Gazzi *et al.*, 2023).

Aspectos econômicos e políticos têm impactado tanto o financiamento quanto a confiança pública nos programas de vacinação, contribuindo para a ocorrência de surtos recentes de doenças, como o sarampo (Minakawa; Frazão, 2023; Gazzi *et al.*, 2023).

Evidências recentes apontam para uma recuperação nas taxas de vacinação, com avanços consideráveis registrados em 2023 em comparação a 2022, especialmente no que se refere às vacinas recomendadas para crianças com menos de um ano de idade (Fernandes *et al.*, 2024).

A vacinação representa uma estratégia eficaz e economicamente viável na prevenção de doenças. O Programa Nacional de Imunizações (PNI) tem como objetivo principal diminuir a morbimortalidade associada a doenças imunopreveníveis, e sob a coordenação do Ministério da Saúde em parceria com as secretarias estaduais e municipais de saúde, disponibiliza gratuitamente 29 vacinas em mais de 38 mil salas de vacinação em todo o país (Gazzi *et al.*, 2023).

Abrangendo um total de 51 imunobiológicos, dos quais 64% são produzidos nacionalmente, o Programa Nacional de Imunizações (PNI) assegura uma cadeia de suprimentos sólida e eficiente (Borges; Victor, 2024).

2.2 Evolução da hesitação vacinal

O movimento antivacinação no século 19 foi alimentado por uma combinação de ações legislativas, crises de saúde pública e crenças sociais. Os principais eventos históricos que desencadearam esse movimento incluíram a introdução de leis de vacinação compulsória, a desconfiança do público nas autoridades médicas e o surgimento de sociedades organizadas de antivacinação. A Lei de Vacinação Obrigatória de 1853 determinou a vacinação contra a varíola para bebês na Inglaterra e no País de Gales, levando a uma reação generalizada. O endurecimento dessas leis em 1871 incitou ainda mais a oposição, resultando na formação de várias ligas antivacinação (Wolfe; Sharp, 2002).

Os movimentos antivacina no Brasil possuem um contexto histórico complexo, caracterizado por eventos marcantes que evidenciam tensões sociais e desafios

relacionados à saúde pública. Um dos episódios mais emblemáticos é a Revolta da Vacina, ocorrida em 1904, em resposta à vacinação obrigatória contra a varíola imposta pelo governo, o que desencadeou uma ampla mobilização popular. Esse evento histórico exerce influência até os dias atuais, especialmente no contexto da pandemia de COVID-19, contribuindo para o fortalecimento de discursos contrários à vacinação. (Cantisano, 2022).

Historicamente, os movimentos religiosos influenciaram a percepção pública sobre a vacinação, muitas vezes contribuindo para a hesitação vacinal. Essa relação é complexa, pois as crenças religiosas podem promover e impedir a aceitação da vacina. A hesitação vacinal tem raízes que remontam à epidemia de varíola de 1721 em Boston, onde as crenças religiosas desempenharam um papel na resistência pública aos esforços de vacinação (Eichman; Bichianu, 2024).

As doenças imunopreveníveis ressurgiram no Brasil devido ao declínio das taxas de vacinação, exacerbado pela influência dos movimentos religiosos (Oliveira *et al.*, 2022).

Embora as crenças religiosas possam exercer influência na hesitação vacinal, é importante destacar que nem todas as tradições religiosas se posicionam contra a vacinação. Pelo contrário, algumas comunidades religiosas incentivam a imunização, evidenciando a diversidade de opiniões presentes nesses contextos (Tiwana; Smith, 2024).

O impacto das fake news na aceitação de vacinas no Brasil tem sido significativo, contribuindo para a hesitação vacinal e diminuição das taxas de imunização. Pesquisas indicam que a desinformação, particularmente nas redes sociais, tem alimentado dúvidas sobre a segurança e eficácia das vacinas, levando a um aumento do ceticismo entre a população.

A disseminação de fake news tem sido um fator significativo na hesitação vacinal, frequentemente associando vacinas a problemas de saúde graves, como autismo e infertilidade (Meneses *et al.*, 2022). Essa desinformação se propaga rapidamente por meio de plataformas digitais, como WhatsApp e Facebook, que desempenham um papel central no fortalecimento da resistência à vacinação (Silva; Oliveira, 2022).

A crescente influência das fake news e a desconfiança nas instituições de saúde não apenas reduzem a adesão às campanhas de vacinação, mas também alimentam percepções equivocadas sobre a segurança e a eficácia das vacinas (Lima

et al., 2024; Silva; Oliveira, 2022). Esse contexto evidencia a necessidade urgente de estratégias que promovam a educação em saúde e reforcem as políticas públicas, bem como o engajamento de líderes comunitários e religiosos, para minimizar os impactos da desinformação (Meneses *et al.*, 2022). Por meio de uma comunicação eficaz e acessível, é possível restabelecer a confiança da população e reverter o declínio nas taxas de vacinação, prevenindo o ressurgimento de doenças anteriormente controladas (Medeiros; Medeiros, 2022).

2.3 Impactos da hesitação vacinal ao longo do tempo

Aumento de surtos de doenças: A hesitação vacinal pode resultar em uma redução nas taxas de vacinação, facilitando o surgimento de surtos de doenças evitáveis, como o sarampo e a poliomielite, em diferentes regiões (Ribeiro; Melo, 2023). O ressurgimento de doenças previamente controladas evidencia o impacto direto dessa hesitação nos sistemas de saúde pública (Mir, 2023).

A hesitação vacinal tem desempenhado um papel crucial no ressurgimento de diversas doenças evitáveis por vacinação (VPDs), representando um desafio significativo para a saúde pública global. Entre essas doenças, o sarampo destaca-se como um exemplo crítico, tendo registrado um aumento expressivo em regiões onde as taxas de imunização têm diminuído. Em 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) relatou um crescimento alarmante de 553% nos casos de sarampo em nível mundial, comparado ao ano anterior, um fenômeno amplamente atribuído à hesitação vacinal. No Brasil, essa tendência também é evidente, com um aumento consistente nos casos de sarampo desde 2015, agravado por uma queda acentuada na cobertura vacinal, especialmente após o ano de 2020 (Sato, *et al.*, 2023).

Além disso, a cobertura vacinal contra a febre amarela em áreas endêmicas também sofreu uma redução preocupante, atingindo apenas 48% até 2022, o que aumenta significativamente o risco de surtos em regiões vulneráveis (Braga; Reis-Santos, 2023).

Implicações econômicas: Taxas de vacinação mais baixas podem sobrecarregar os sistemas de saúde, resultando em custos adicionais com cuidados médicos e maiores encargos econômicos para comunidades e governos (Ribeiro; Melo, 2023). O impacto econômico também inclui a perda de produtividade devido ao aumento de doenças e ao incremento das despesas com saúde durante surtos (Ayodele *et al.*, 2024).

Desinformação e confiança pública: O crescimento da desinformação, especialmente por meio das mídias sociais, contribui para a hesitação vacinal, fomentando a desconfiança nas autoridades de saúde e nas evidências científicas (Mir, 2023). Essa perda de confiança dificulta as campanhas de saúde pública e os esforços para incentivar a vacinação, já que os indivíduos se tornam mais vulneráveis às narrativas antivacinas (Breakwell; Jaspal, 2023).

O surgimento das redes sociais transformou significativamente o cenário da comunicação em saúde pública, especialmente no que diz respeito à disseminação de informações sobre vacinas. A acessibilidade e a velocidade na propagação de conteúdos digitais ampliaram o alcance de informações falsas, influenciando a percepção pública e aumentando a hesitação vacinal. Estudos demonstram que existe uma correlação direta entre a exposição a esse tipo de conteúdo e o aumento da desconfiança em relação às vacinas (Zaifuddin *et al.*, 2024).

Análises de postagens no Twitter revelam que dúvidas sobre a segurança e a eficácia das vacinas são temas recorrentes nas narrativas de desinformação, sendo amplamente difundidas em contextos linguísticos distintos, como o inglês e o espanhol (Valdez; Soto-Vásquez; Montenegro, 2023). Esse fenômeno não se limita apenas à esfera individual, mas é impulsionado por usuários influentes, como profissionais de saúde e jornalistas, que frequentemente moldam as discussões de forma a reforçar a hesitação vacinal (Sisco; Brummette, 2024).

No caso da Turquia, as teorias da conspiração propagadas por usuários de redes sociais resultaram em um aumento expressivo da hesitação vacinal, demonstrando o impacto que as narrativas localizadas podem ter nos resultados de saúde pública (Küçükali *et al.*, 2022). Comunidades de língua espanhola também enfrentam desafios específicos relacionados à equidade governamental e à distribuição de vacinas, o que afeta sua percepção e adesão às campanhas de imunização (Valdez; Soto-Vásquez; Montenegro, 2023). Em contrapartida, no contexto italiano, embora existam sentimentos antivacinas, eles frequentemente são neutralizados por conteúdos neutros ou pró-vacina, criando um cenário mais equilibrado de opinião pública (Bianchi; Tafuri, 2023).

No âmbito brasileiro, as mídias sociais têm se mostrado um fator decisivo na propagação de desinformação. Plataformas como Facebook e WhatsApp tornaram-se os principais veículos para a disseminação de informações falsas sobre vacinas, com 59% do conteúdo compartilhado sendo completamente incorreto (D'Almonte;

Siqueira; Silva, 2023). Esse cenário foi exacerbado pelo ambiente político, especialmente durante o governo de Jair Bolsonaro, que favoreceu o fortalecimento de narrativas antivacinas, influenciando discussões em redes sociais como o Twitter (Verjovsky *et al.*, 2023).

Falta de confiança na ciência: A desconfiança generalizada em relação à ciência e às instituições públicas no Brasil tem legitimado os discursos antivacinas, com uma parcela significativa da população sendo receptiva a tais informações (Malagoli, 2024). Além disso, a desinformação frequentemente se apoia em fontes de baixa credibilidade, como médicos autoproclamados, para criar uma falsa impressão de autoridade (D'Almonte; Siqueira; Silva, 2023)

Estudos demonstram uma relação inversamente proporcional entre a disseminação de desinformação e as taxas de vacinação, com variações influenciadas por fatores geográficos e políticos (Mendes; Gomes-Jr, 2022). A narrativa sobre vacinas, como a CoronaVac, evoluiu de preocupações com seu desenvolvimento para questionamentos acerca das aprovações regulatórias, o que complicou ainda mais a percepção pública (Oliveira *et al.*, 2022).

3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa e descritiva, voltada à análise da evolução da hesitação vacinal no Brasil e de seus impactos na saúde pública. A revisão integrativa permite reunir e sintetizar evidências científicas disponíveis sobre determinado tema, possibilitando uma compreensão ampla do fenômeno investigado.

A busca dos estudos foi realizada em bases de dados científicas amplamente utilizadas na área da saúde, incluindo PubMed, Scopus, SciELO e Google Scholar. Foram utilizados descritores em português e inglês, tais como: “hesitação vacinal”, “vaccine hesitancy”, “vacinação”, “imunização”, “fake news” e “programa nacional de imunizações”.

Como critérios de inclusão, foram considerados artigos científicos publicados entre 2015 e 2024, disponíveis na íntegra, que abordassem aspectos históricos, sociais, políticos ou comunicacionais relacionados à hesitação vacinal. Foram excluídos estudos duplicados, resumos sem texto completo e publicações que não apresentassem relação direta com o tema da pesquisa.

Após a seleção dos estudos, realizou-se a leitura analítica e a categorização temática das informações, organizadas em três eixos principais: histórico das vacinas e das políticas de imunização, evolução da hesitação vacinal e impactos desse fenômeno na saúde pública.

4 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

A análise dos estudos selecionados evidenciou que a hesitação vacinal constitui um fenômeno multifatorial, influenciado por aspectos históricos, sociais, políticos e comunicacionais. Os resultados da literatura apontam que a disseminação de desinformação, especialmente por meio das redes sociais, está entre os principais fatores associados à redução das coberturas vacinais em diferentes países, incluindo o Brasil.

Além disso, os estudos analisados demonstram que a confiança nas instituições de saúde, a percepção de risco em relação às doenças e a credibilidade das informações científicas exercem influência direta na decisão da população em aderir às campanhas de vacinação. Observou-se também que contextos políticos e econômicos podem impactar tanto o financiamento dos programas de imunização quanto a confiança pública nesses programas.

Nesse sentido, os resultados indicam que estratégias de comunicação em saúde baseadas em evidências, como campanhas educativas, diálogo comunitário e abordagem empática com os usuários, apresentam potencial significativo para reduzir a hesitação vacinal e fortalecer as políticas públicas de imunização.

Para combater a desinformação, a adoção de estratégias de comunicação eficientes para reduzir a hesitação vacinal tem se destacado como um elemento crucial nas políticas de saúde pública. Evidências científicas apontam que abordagens comunicacionais empáticas e personalizadas aumentam significativamente a aceitação da vacinação. Um exemplo disso é o Modelo de Comunicação Persuasiva, que integra teorias de comunicação de massa com a personalização orientada por inteligência artificial (IA), resultando em um aumento de 20% na adesão à vacinação em comunidades isoladas (Danmaisoro; Eledi, 2024). Esse modelo enfatiza o uso de plataformas digitais e o engajamento de líderes comunitários, abordando barreiras culturais e socioeconômicas que influenciam a hesitação vacinal.

Além disso, a Entrevista Motivacional (MI) tem se mostrado uma abordagem eficaz para reduzir a resistência à vacinação, promovendo confiança e atendendo às

preocupações individuais dos pacientes (Gagneur *et al.*, 2024). Essa técnica é baseada em uma estrutura de quatro etapas: engajamento, compreensão das preocupações, oferta de informações relevantes e apoio à tomada de decisão. Com isso, a MI fortalece a autonomia dos pacientes e aumenta sua confiança no processo de vacinação.

Outro recurso relevante é a análise por meio de um quadro multicritério, que avalia diferentes estratégias de comunicação em saúde. Esse método destaca as campanhas educativas como as mais eficazes, enquanto a colaboração com influenciadores digitais apresenta impacto limitado (Esene; Adedokun; Agbede, 2024). Os critérios fundamentais para o sucesso dessas iniciativas incluem a construção de confiança, a credibilidade das informações transmitidas e o envolvimento ativo das comunidades locais.

Paralelamente, o combate à desinformação tem se revelado uma estratégia essencial para aumentar a aceitação das vacinas. A disseminação de informações precisas, aliada ao engajamento comunitário, desempenha um papel fundamental nesse contexto (Andigema; Cyrielle, 2024). O uso estratégico de redes sociais e a colaboração com influenciadores locais podem ampliar o alcance das mensagens pró-vacinação e, conseqüentemente, melhorar a adesão do público.

A hesitação vacinal durante a pandemia de COVID-19 gerou um impacto significativo nas taxas de imunização de rotina, resultando em um declínio preocupante na administração de vacinas destinadas à prevenção de outras doenças. Esse fenômeno foi amplamente influenciado pela desinformação e pelo medo em torno das vacinas contra a COVID-19, o que acabou por desencadear um efeito cascata, comprometendo a confiança pública em diversos programas de vacinação. A diminuição da cobertura vacinal foi um dos principais efeitos observados, com muitos pais relutantes em levar seus filhos para receberem vacinas de rotina devido ao receio de exposição ao vírus SARS-CoV-2 em ambientes de saúde (Machado *et al.*, 2021). Essa redução na adesão foi ainda mais agravada pelas restrições de circulação impostas durante a pandemia e pelo fechamento temporário de clínicas de vacinação, que limitaram o acesso aos serviços essenciais de imunização (Machado *et al.*, 2021).

Além dos fatores estruturais, aspectos psicológicos e sociais também contribuíram para o aumento da hesitação vacinal. O medo e a ansiedade generalizados, impulsionados pela pandemia, elevaram os níveis de estresse na

população, o que resultou em uma maior resistência a procurar serviços de vacinação rotineiros (Chan, 2022). Paralelamente, a disseminação de informações falsas sobre a segurança e a eficácia das vacinas comprometeu ainda mais a confiança do público, dificultando a implementação eficaz dos programas de imunização (Machado *et al.*, 2021; Chan, 2022).

Os especialistas em saúde pública têm alertado para as potenciais consequências a longo prazo dessa hesitação vacinal, destacando o risco de ressurgimento de doenças evitáveis por meio da vacinação, especialmente entre crianças em idade escolar que deixaram de receber imunizações recomendadas (Chan, 2022). Esse cenário representa uma ameaça significativa aos avanços conquistados nas últimas décadas no controle e na erradicação de diversas enfermidades, exigindo medidas urgentes para restaurar a confiança pública e assegurar a retomada das altas taxas de cobertura vacinal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hesitação vacinal representa um desafio significativo para a saúde pública, impactando negativamente as taxas de imunização e contribuindo para o ressurgimento de doenças previamente controladas.

Esse fenômeno é resultado de uma combinação de fatores sociais, culturais, políticos e comunicacionais, sendo fortemente influenciado pela disseminação de desinformação nas redes sociais.

O fortalecimento das políticas públicas de imunização, especialmente do Programa Nacional de Imunizações, é fundamental para enfrentar esse problema.

Estratégias baseadas em comunicação clara, educação em saúde e engajamento comunitário são essenciais para restaurar a confiança da população nas vacinas e garantir a manutenção das coberturas vacinais necessárias para a proteção coletiva.

6 REFERÊNCIAS

- ANDIGEMA, A. S.; CYRIELLE, T. Addressing Vaccine Hesitancy: A Review of Factors Contributing to Vaccine Refusal and Effective Communication Strategies for Promoting Vaccine Acceptance. Preprints.org, 2024.
- ARROYO, L. H. *et al.* Áreas com queda da cobertura vacinal para BCG, poliomielite e tríplice viral no Brasil (2006-2016): mapas da heterogeneidade regional. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 4, 2020.
- AYODELE, J. O. *et al.* Countering vaccine hesitancy in the context of global health. Elsevier eBooks, p. 393–410, 1 jan. 2024.
- BIANCHI, F. P.; TAFURI, S. Spreading of misinformation on mass media and digital platforms regarding vaccines. A systematic scoping review on stakeholders, policymakers, and sentiments/behavior of Italian consumers. *Human Vaccines & Immunotherapeutics*, v. 19, n. 2, 1 ago. 2023.
- BORGES, S.; VICTER, T. The Health Industrial Economic Complex (HIEC) and the National Immunization Program in Brazil. *Biomanguinhos - Trabalhos Apresentados em Eventos [984]*, p. 45–45, 1 jan. 2024.
- BRAGA, C.; REIS-SANTOS, B. Immunization Agenda 2030 and Brazil's challenges. *Epidemiol Serv Saude*, v. Dec 4;32(3):e2023822, 2023.
- BREAKWELL, G. M.; JASPAL, R. Vaccine Hesitancy. *The Blackwell Encyclopedia of Sociology*, p. 1–3, 27 nov. 2023.
- CANTISANO, P. J. A Refuge from Science: The Practice and Politics of Rights in Brazil's Vaccine Revolt. *The Hispanic American historical review*, v. 102, n. 4, p. 611–642, 1 nov. 2022.
- CHAN, C. COVID-19 vaccine hesitancy triggers public health concerns for routine vaccine-preventable illnesses. *Pharmacy Today*, v. 28, n. 7, p. 36, jul. 2022.
- CONTI, A. A. Vaccination through time: from the first smallpox vaccine to current vaccination campaigns against the COVID-19 pandemic. *Acta Bio Medica : Atenei Parmensis*, v. 92, n. Suppl 6, p. e2021453, 2021.
- D'ALMONTE, E. F.; SIQUEIRA, E. L.; SILVA, G. DE A. E. Vacinas e desinformação: uma análise de conteúdo sobre fake news apuradas por plataformas de debunking em redes sociais. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, v. 17, n. 3, 29 set. 2023.

- DANMAISORO, H. B.; ELEDI, J. M. Designing persuasive communication models for vaccine acceptance in isolated communities: A mass communication approach. *International Journal of Science and Research Archive*, v. 13, n. 1, p. 2054–2063, 30 out. 2024.
- DOMINGUES, C. M. A. S. *et al.* 46 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios a serem superados. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. suppl 2, 2020.
- EICHMAN, D.; BICHIANU, D. From Cotton Mather to Dr Fauci: Historical Markers of Vaccine Hesitancy. *NeoReviews*, v. 25, n. 4, p. e187–e192, 1 abr. 2024.
- ESENE, P.; ADEDOKUN, T.; AGBEDE, G. T. A Multi-Criteria Framework for Evaluating Health Communication Strategies to Combat Vaccine Hesitancy. *Information Impact Journal of Information and Knowledge Management*, v. 15, n. 1, p. 1–14, 24 jun. 2024.
- FERNANDES, E. G. *et al.* Restoring High Vaccine Coverage in Brazil: Successes and Challenges. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, v. 57, 2024.
- GAGNEUR, A. *et al.* From vaccine hesitancy to vaccine motivation: A motivational interviewing based approach to vaccine counselling. *Human Vaccines & Immunotherapeutics*, v. 20, n. 1, 26 ago. 2024.
- GAZZI, B. C. *et al.* Cobertura Vacinal No Brasil: Um Levantamento Epidemiológico Dos Últimos 10 Anos. *The Brazilian Journal of Infectious Diseases*, v. 27, p. 103094–103094, 1 out. 2023.
- GOMEZ, S.; GODOY, P. Vaccine hesitancy in healthcare professionals and health sciences students of the last courses. *Vacunas (English Edition)*, v. 25, n. 1, p. 54–63, 1 jan. 2024.
- GUARALDI, F.; MONTALTI, M.; GORI, D. The Importance of Mapping Determinants, Attitudes and Beliefs of Vaccine Hesitancy in the Great Challenge of Compulsory Childhood Vaccination Comment on “Convergence on Coercion: Functional and Political Pressures as Drivers of Global Childhood Vaccine Mandates”. *International journal of health policy and management*, v. 12, p. 7614–7614, 27 jun. 2023.
- KÜÇÜKALI, H. *et al.* Vaccine Hesitancy and Anti-Vaccination Attitudes during the Start of COVID-19 Vaccination Program: A Content Analysis on Twitter Data. *Vaccines*, v. 10, n. 2, p. 161, 21 jan. 2022.
- KUMAR, M.; SURYA, V. L. Hesitancy for COVID-19 Vaccines and Its Implications for Routine Immunisation. *IntechOpen eBooks*, 22 fev. 2023.

- LAMOT, M.; KIRBIŠ, A.; VRDELJA, M. Exploring the Inherent Heterogeneity of Vaccine Hesitancy: A Study of a Childhood-Vaccine-Hesitant Population. *Vaccines*, v. 12, n. 8, p. 839–839, 25 jul. 2024.
- LIMA, V. L.; PEREIRA, M.; GUIMARÃES, L. O MOVIMENTO ANTIVACINAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: IMPACTOS, NARRATIVAS E IMPLICAÇÕES SOCIAIS. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 10, p. 2759–2771, 16 out. 2024.
- MACDONALD, N. E. Vaccine hesitancy: Definition, scope and determinants. *Vaccine*, v. 33, n. 34, p. 4161–4164, ago. 2015.
- MACHADO, M. DE A. V. *et al.* The Relationship Between the COVID-19 Pandemic and Vaccine Hesitancy: A Scoping Review of Literature Until August 2021. *Frontiers in Public Health*, v. 9, n. 9, 28 set. 2021.
- MACHIDA, M.; INOUE, S. [Vaccine hesitancy: current status, associated factors, measurement, and approach]. [*Nihon Koshu Eisei Zasshi*] *Japanese Journal of Public Health*, v. 70, n. 8, p. 474–482, 29 ago. 2023.
- MAIA, M. DE L. DE S. *et al.* Pesquisa clínica para o Programa Nacional de Imunizações. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. suppl 2, 2020.
- MALAGOLI, M. M. Fake News, Desinformação e Narrativas Antivacina nas Redes Sociais durante a Pandemia de Covid-19 no Brasil. 8 mar. 2024.
- MEDEIROS, P. M. DE ; MEDEIROS, P. M. DE . Fake news mediate the relationship between sociopolitical factors and vaccination intent in Brazil. *Health Promot Int*, v. 1;37(6):daac110, 2022.
- MENDES, A. M.; GOMES-JR, L. Analysis of misinformation in the context of the coronavirus vaccination in Brazil. p. 38–46, 26 set. 2022.
- MENESES, K. S. *et al.* O IMPACTO DAS FAKE NEWS NA VACINAÇÃO NO BRASIL. *Literacia Científica Editora & Cursos eBooks*, 1 jan. 2022.
- MINAKAWA, M. M.; FRAZÃO, P. The Trajectory of Brazilian Immunization Program between 1980 and 2018: From the Virtuous Cycle to the Vaccine Coverage Decline. *Vaccines*, v. 11, n. 7, p. 1189–1189, 1 jul. 2023.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Manual de Procedimentos para Vacinação*. 4. ed. [s.l.] Fundação Nacional de Saúde, 2001.
- MIR, E. A. Vaccine Hesitancy—A Persistent Pandemic and Continued Threat to Global Health. *Journal of Biosciences and Medicines*, v. 11, n. 03, p. 64–72, 2023.

